

Entrevista

Pedro Soares O novo presidente do Conselho Regional da Ordem dos Enfermeiros alerta para os “custos” da não contratação de enfermeiros, e critica a má gestão e a escolha dos gestores no Serviço Regional de Saúde. Deixa ainda alerta para o número insuficiente de enfermeiros nos lares

“Não podemos aceitar que num lar haja 40 utentes para um enfermeiro”



ORDEM DOS ENFERMEIROS

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

Na cerimónia de tomada de posse, afirmou que as prioridades da sua equipa passam por fazer face às “dificuldades financeiras das instituições prestadoras de cuidados, à má gestão de alguns serviços e às duvidosas nomeações para gestão de topo na Saúde que exigem aos enfermeiros açorianos escolhas, por vezes difíceis, e que põem em causa a vida de cada um de nós”. De que modo as dificuldades financeiras estão a condicionar a prestação de cuidados no SRS? Quer exemplificar com casos concretos?

Começo pela segunda questão, se me permite, exemplificando com uma situação muito concreta, a falta de enfermeiros nos serviços em algumas instituições da Região. A dificuldade financeira porque passam muitas das nossas instituições, leva a que a contratação de novos enfermeiros seja feita de uma forma muito lenta. O que não deixa de ser curioso, é que não são contratados os enfermeiros necessários, e se recorre, não poucas vezes, ao trabalho extraordinário, com custos financeiros elevados, e todo o risco do erro que o mesmo acarreta.

Falar de dificuldades financeiras porque passam as nossas instituições de uma forma geral, no Sistema Regional de Saúde, é falar de um garrote no in-

vestimento destas perante a degradação dos equipamentos clínicos que não são substituídos, e muitas vezes demoram a ser recuperados quando avariados, assim como as próprias instalações das instituições que não poucas são as vezes que sofrem “remendos” ao invés de intervenções de fundo muito precisas.

Ora, toda esta falta de investimento necessário leva a que muitas vezes as prestações de cuidados são feitas não nas melhores condições, com necessidades básicas de funcionamento inexistentes ou mal programadas, sendo, muitas vezes, ultrapassadas essas dificuldades pelo esforço dos enfermeiros, para que nenhum açoriano fique sem cuidados.

A que se refere quando falou de “duvidosas nomeações”?

A ideia subjacente é a de que as nomeações dos gestores resultam muitas

vezes de decisões finais dos mais altos titulares de cargos políticos, faltando corrigir em matéria de abertura e transparência dos processos nos termos propostos das nomeações.

Na área da Enfermagem, temos por exemplo enfermeiros a serem nomeados para cargos de gestão, e quando se vai ver os critérios dessas nomeações, simplesmente não existem, ora, isto leva a que, por vezes, haja uma escolha tendenciosa onde nem sempre os mais capacitados são colocados nos lugares de topo. Isto tem um custo, grande.

Onde identifica que existe “má gestão”?

Dou o exemplo de uma das nossas ilhas - o Faial - onde existem 12,3 enfermeiros por mil habitantes, quando a média nos Açores é 6,7 e a média da OCDE é de 8,8. A curiosidade destes números é que nessa ilha com tão bom número de enfermeiros, o hospital apresenta uma taxa de turnos extraordinários muito elevada.

Concluo que, mesmo tendo um número de enfermeiros *per capita* tão bom, esses não estão alocados nos lugares certos, ou seja, não estão bem distribuídos. A gestão desses recursos humanos urge ser estudada e corrigida.

Fora isto, temos ainda os diversos casos que nos chegam à Ordem todas as semanas sobre problemáticas que os enfermeiros enfrentam no seu dia-a-dia e

Pedro Soares revela que estão previstas visitas a lares que gostaria que fossem acompanhadas pela Inspeção Regional de Saúde e Secretaria da Solidariedade

quando avaliamos as razões, encontramos a resposta muitas vezes na fraca liderança.

Foi anunciado recentemente que será reavaliada a falta de enfermeiros para identificar onde o problema é mais grave. Em que ponto está esse trabalho e quando ficará concluído?

Começámos o nosso trabalho no passado dia 6 de janeiro e encontramos uma casa com necessidade de reorganização e acima de tudo de profissionalização nos seus procedimentos internos, para que o melhor possa servir os enfermeiros açorianos.

Posto isto, iremos programar este trabalho com carácter urgente e esperamos que no segundo semestre de 2020 tenhamos as nossas conclusões.

É um trabalho que tem de ser sério, e ter em conta que não estamos a falar apenas de números, estamos a falar de enfermeiros, de pessoas, e nesse levantamento mais do que saber quantos somos e quantos são precisos, vamos entender no terreno o que fazemos, quais as nossas reais dificuldades e das conclusões retirarmos ações concretas para as respetivas resoluções, de uma forma eficaz e eficiente.

A insuficiente dotação de enfermeiros afeta não só os próprios enfermeiros levando muitas vezes a baixas médicas e por vezes podendo atentar ao erro, mas também os utentes.

horas para as 35 horas semanais de trabalho, assim como devido à mobilidade de enfermeiros que emigraram, reformas que entretanto aconteceram, atestados por 'burnout', entre outras situações, inclusive abandono da profissão.

Uma coisa tenho de ressaltar, o bom relacionamento que existe entre o atual mandato desta secção e a senhora secretária da Saúde, o que nos faz acreditar que podemos construir algumas pontes, sempre com o sentido de responsabilidade da situação atual da Região em termos financeiros.

Relembrando mais uma vez a cerimónia de tomada de posse, pude na presença da senhora secretária da Saúde afirmar através do meu discurso que ela, a região, os açorianos, podem contar connosco, contar com os enfermeiros açorianos como parceiros, contar com a nossa voz.

Quais as questões a que irá dar atenção agora que está à frente da Ordem dos Enfermeiros?

Importa defender o funcionamento do Serviço Regional de Saúde, com eficácia, em prol dos cidadãos, evitando as redundâncias e as más práticas, que apenas contribuem para uma resposta demorada e pouco eficiente.

Posto isto, temos algumas questões que se tornam muito urgentes em serem corrigidas, nomeadamente a regulamentação a nível das emergências extra hospitalares no que à Enfermagem diz respeito, o início da aplicação da Triagem de Manchester em algumas Unidades de Saúde de Ilha em que a segurança dos cuidados fica colocada em risco, e o papel dos enfermeiros nas Unidades de Saúde Familiar, julgo que a reorganização destes e a inclusão do enfermeiro de família faria todo o sentido, com ganhos evidentes, tanto para a população, como em termos económicos.

Para além destes assuntos urgentes, queremos ver terminado o Estágio L para enfermeiros à semelhança do que acontece na Madeira e no Continente Português e dotar as instituições com o número de enfermeiros adequados para a prestação de cuidados com segurança às nossas populações.

Queremos ainda promover a formação na Região, nomeadamente no apoio à abertura de cursos de especialização e de outros momentos formativos.

Vamos ainda levar a Ordem dos Enfermeiros a todos os colegas da Região, seremos um mandato no terreno, ao lado dos enfermeiros e da população.

Nem sempre os mais capacitados são colocados nos lugares de topo. Isto tem um custo, grande.

No Faial, com tão bom número de enfermeiros, o hospital apresenta uma taxa de turnos extraordinários muito elevada.

É possível adiantar em que locais/unidades de saúde há mais falta de enfermeiros?

De uma forma generalizada não podemos indicar esta ou aquela ilha, esta ou aquela instituição, em virtude das realidades muito próprias de cada uma, podemos mesmo referir que, em todas, a falta de enfermeiros é evidente.

Olhando para dados recentes sobre o número de enfermeiros *per capita* nos Açores, identificamos a miude uma taxa baixa nas ilhas de São Jorge, Graciosa, Santa Maria e Corvo. Apenas o Faial e a Terceira se situam acima da média aço-

riana (6,7) e da média da OCDE (8,8). Curiosamente o número de médicos por mil habitantes ultrapassa largamente a média da OCDE na maioria das nossas ilhas.

Há incumprimento das dotações seguras neste momento?

Apesar de, nos últimos anos, se ter sentido algum investimento por parte da tutela na contratação de enfermeiros, quando vamos ao terreno, e tendo por base as dotações seguras emanadas pela Ordem dos Enfermeiros, notamos que não foi suficiente. É importante que se perceba que a insuficiente dotação de enfermeiros afeta não só os próprios enfermeiros levando muitas vezes a baixas médicas e por vezes podendo atentar ao erro, mas também os utentes do SRS.

O governo regional cumpriu o seu compromisso de contratação assumido perante a Ordem dos Enfermeiros?

O anterior mandato desta secção concluiu em 2016 que as reais necessidades de enfermeiros por instituição eram de 294 enfermeiros no total por toda a região. Foram contratados 200 enfermeiros, havendo registos da altura de uma promessa da tutela de chegar perto dos 300 enfermeiros até ao fim de 2019.

Apesar do esforço da tutela em cumprir esse número, essas contratações infelizmente revelam-se hoje pouco eficazes, principalmente com a passagem das 40

Queremos uma Enfermagem açoriana virada para o futuro, iremos potenciar a produção científica e a sua divulgação.

Os enfermeiros são gente que cuida de gente, e neste momento precisam ser cuidados. Somos um mandato com a garantia de construção de pontes com todos os intervenientes, porque só assim, com a união de todos, poderemos ultrapassar as reais dificuldades e chegar a um porto seguro.

O seu antecessor defendeu recentemente que deve ser criado um Centro Hospitalar na Região. Concorde com esta ideia? Vê vantagens na sua criação?

Relativamente a esta posição, a minha experiência profissional obriga-me a uma coerência política e a uma reflexão tendo em conta outras experiências idênticas a nível nacional que se começam a revelar de uma forma negativa, caracterizado mesmo pelos peritos como experiência falhada.

Posto isto, eu assumo que a realidade açoriana tem de ser muito bem estudada, assim como o impacto na Região a nível financeiro. Não podemos ter um hospital em cada ilha, mas podemos e devemos ter um sistema que permita um atendimento de qualidade e de forma célere a toda a população, os procedimentos têm de ser melhorados, a política de gestão tem de ser equilibrada.

Defende à semelhança do anterior presidente que a portaria que estabelece o número de horas de para cuidados de enfermagem nos lares tem de ser revista?

Nesse ponto tenho de concordar com o meu antecessor e espero que consigamos promover junto da tutela essa necessidade urgente de revisão. Aliás, para este mandato temos previsto visitas de acompanhamento do exercício profissional aos lares da região, por ser uma necessidade urgente dos colegas que lá trabalham sentirem que não estão esquecidos, já basta os pobres acordos coletivos de trabalho. Não podemos aceitar que num lar haja por exemplo 40 utentes para um enfermeiro. Seria bom e produtivo, termos nas nossas visitas a companhia da Inspeção Regional de Saúde e da Secretaria Regional da Solidariedade Social, e no terreno termos uma visão da realidade nessas instituições e construirmos melhores atendimentos.

Que avaliação faz da evolução do acesso aos cuidados de saúde na Região?

Não sendo uma avaliação completamente negativa, mas por uma questão de coerência e análise tenho de admitir que, nos últimos anos, o acesso aos cuidados de saúde na Região em algumas valências tem piorado. Basta olharmos para o tempo de espera em algumas especialidades médicas para uma consulta, entre outras situações.

A própria distribuição geográfica das diversas ilhas promove uma grande dificuldade na resolução desta temática, mas a insularidade tem custos e em matéria de saúde a população açoriana nunca poderá sair prejudicada por isso.